

## CONVERSAS SOBRE PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Diane Valdez<sup>1</sup>  
Alessandra de O. Santos<sup>2</sup>  
Verônica P. Viana<sup>3</sup>

**Resumo:** Propomos, neste texto, apresentar alguns dados referentes à pesquisa em história da educação tendo como referência o debate promovido em um minicurso sobre fontes, categorias e métodos, ministrado em evento da área. Optamos, nesta escrita, por um formato de ensaio, pois, desta forma mantemos o estilo da metodologia do evento. O diálogo sobre pesquisa nesta área, incluiu, além da produção, alguns cuidados e a circulação de investigações que tem como foco o recuo do tempo na escrita da história da educação. No processo de produção da pesquisa, apresentamos algumas pistas como, recorte temático, teórico, cronológico e metodológico, problema, categoria, limites, originalidade e suas relações com as fontes e seu tratamento.

**Palavras-chave:** Pesquisa; produção; escrita da História da Educação; fontes.

## TALKS ABOUT RESEARCH ON HISTORY OF EDUCATION

**Abstract:** In this article we will show some data referring to a research in history of education, having as a frame a discussion sustained in a mini-course on sources, categories and methods, held in an event of the area. In this writing we opted for an essay format, because in this way we can keep the style of the event methodology. Dialog on research in this area includes, besides production, some attendances, and research circulation that have as a focus time regression in writing of history of education. In the process of research production we show some clues like trimming theme, theory, chronology, methodology, issues, category, limits, originality, and relationships with sources and treatment.

**Keywords:** research, production, writing of history of education, sources

## CHARLAS SOBRE INVESTIGACIÓN EN HISTORIA DE LA EDUCACIÓN

**Resumen:** Nos proponemos en este texto presentar algunos datos referentes a la investigación en historia de la educación teniendo como referencia el debate promovido en un minicurso sobre fuentes, categorías y métodos, realizado en un evento del área. Optamos en este escrito por un formato de ensayo, puesto que así mantenemos el estilo de la metodología del evento. El diálogo sobre la investigación en el área incluye, además de la producción, algunos cuidados y la circulación de investigaciones que tiene como foco el retroceso del tiempo en la escritura de la historia de la educación. En el proceso de producción de la investigación, presentamos algunas

---

<sup>1</sup>Dra. em Educação pela Unicamp, professora da graduação e do PPGE da Faculdade de Educação da UFG. Pesquisadora na área de História da Educação e integrante do Núcleo de Estudos e Documentação: Educação, Sociedade e Cultura (NEDESC). Contato: [divaldez@ufg.br](mailto:divaldez@ufg.br)

<sup>2</sup>Professora da Rede Estadual de Educação de Goiás (SEE/GO), mestranda em Educação no PPGE/FE. Pesquisadora na área de História da Educação e integrante do Núcleo de Estudos e Documentação: Educação, Sociedade e Cultura (NEDESC). Contato: [alesantosp@yahoo.com.br](mailto:alesantosp@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>Professora da Rede Municipal de Educação de Goiânia (SME/Goiânia), mestranda em Educação no PPGE/FE. Pesquisadora na área de História da Educação e integrante do Núcleo de Estudos e Documentação: Educação, Sociedade e Cultura (NEDESC). Contato: [vi.veronica@hotmail.com](mailto:vi.veronica@hotmail.com)

pistas como el recorte temático, el teórico, el cronológico y metodológico, problema, categoría, límites, originalidad y sus relaciones con las fuentes y su tratamiento.

**Palabras clave:** Investigación; producción; escritura de la historia de la educación; fuentes.

Este texto é resultado do Minicurso *Fontes, categorias e métodos de pesquisa na História da Educação*, ministrado no *III Encontro de História da Educação da Região Centro Oeste: Perspectivas para um intercâmbio regional em pesquisa e escrita em História da Educação no Centro Oeste*<sup>4</sup>. Propomos aqui trazer uma breve exposição, em formato de ensaio, apresentando elementos que foram abordados neste evento no que se refere a produção de pesquisas em história da educação e as relações que a cercam, levando em conta as particularidades de uma atividade prática, como a de um minicurso, e uma escrita desta espécie.

Optamos por um texto em formato de conversa não com o intuito de ignorar o que já foi produzido, ao contrário, tudo o que está aqui é fruto de nossas leituras, de preparação de aulas na docência, de orientações e produções de pesquisas, artigos, capítulos de livros e outros. Tanto que no final do texto, indicamos uma série de obras que consideramos fundamentais para quem navega pelo mundo da pesquisa na área de história e história da educação. Nossa escolha por esta configuração, se deu em função de que, diante do número de produções a respeito deste tema, que nem de longe é algo simples de ser abordado, uma escrita em formato de conversa, com algumas referências vividas e observadas, poderia contribuir para quem está iniciando na pesquisa.

Escolhemos este tipo de escrita também para nos aproximarmos um pouco mais do formato do minicurso que propusemos. Não é a intenção empobrecer a escrita, tampouco de optar pelo caminho mais fácil, até porque escrever neste feitio é bastante trabalhoso, mas sim de buscar variação na escrita para fugir do tradicional. Certamente, assumimos o risco de parecer superficial, mas sustentamos nossa opção de conversar e indicar outras produções para marcar a continuidade da formação acadêmica.

Organizamos o texto em três partes. Na primeira, ressaltamos o lugar do passado na escrita da história da educação. Valendo de nossa experiência, buscamos relacionar nossas percepções a respeito de como sentimos a circulação de pesquisas que tem o passado como foco. Além das relações estabelecidas com o passado, indicamos alguns cuidados no recuo do tempo para a escrita da história da educação.

---

<sup>4</sup>Este minicurso foi ministrado, sob a coordenação da professora Diane Valdez, juntamente com os seguintes mestrandos do PPGE/FE: Alessandra de O. Santos; João Victor N. Leite; Tatiana Sasse F. Ribeiro e Verônica P. Viana, no dia 20 de agosto de 2015.

No segundo momento, nos ocupamos em trazer prosas que tocam os elementos do desdobramento de uma pesquisa, assim, mencionamos pequenas indicações a respeito de escolha do tema, objeto, problema, limites, recortes, inovação, método, categoria e recorte teórico. Por último, a conversa gira em torno das relações, nem sempre tranquilas, entre o pesquisador e as fontes. Aqui, procuramos focar, não somente as considerações a respeito da ampliação e disponibilidade dos documentos, que nos parece algo relevante, mas também da relação das fontes com o recorte metodológico, teórico e categorias.

Esperamos que esta conversa sirva para iniciar a caminhada pelas estradas da pesquisa. Que incite o desejo de navegar pela história da educação em variados caminhos, pois ao que tudo indica, temos muitos temas e objetos esperando serem desvelados para ampliarmos os olhares da história da educação brasileira, em especial, da história dos movimentos educacionais locais, história esta que, sem dúvida, carece de mais produções e de estudos comparativos no interior da região Centro Oeste.

### **Produzir histórias e contar histórias: o passado no cenário**

O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza deste “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações. (E. HOBSBAWM).

Parece-nos importante refletir a cerca de uma situação que, persiste, ainda que com menor intensidade, quando falamos que temos como foco de estudo a história da educação. Não há manifestações explícitas e diretas, talvez para não aparentar evasão e manter o que defendemos no mundo acadêmico: que a universidade é o lugar da diversidade, mas paira no ar certa desconfiança da “utilidade” de se estudar o passado em detrimento do presente, afinal, muitos podem indagar para que serve o passado se temos que entender é o presente? O desestímulo parece aumentar consideravelmente quando recuamos o nosso objeto de estudo ainda mais no passado, aí parece insanidade total.

Interessante observar que não se trata de ignorar nossas produções nesta área somente por um suposto desconhecimento, não defendemos e nem queremos o lugar de vítimas, mas, talvez pelas especificidades que cada área possui. Colegas de outras áreas, podem até “gostar” de história, conhecer os fatos pitorescos, achar graça quando se depara com imagens escolares de

“antigamente”, desconsiderar o ensino “tradicional”, além de outros movimentos, sem, no entanto, se ligar em tempos históricos e suas produções próprias.

O passado, desta forma, é visto com desdém, desconectado de qualquer movimento, o processo educacional, a escola e tudo que a cerca, é julgada sob os parâmetros atuais. Então, tudo era o caos e nada funcionava. Invoca-se um ambiente sóbrio, pleno de métodos pejorativos, estereotipando o “velho”, como algo que não serve para nada e que pode ser descartado. Isso pode ser exemplificado com a insistência do termo “novo”, “nova”, “inovador”, “moderno” na história da educação. Não é estranho se deparar com um esforço constante para substituir práticas tidas como ultrapassadas pelo que se considera inovador, incluindo o termo “novo”. Talvez isso justifique o descarte de materiais e documentos escolares que parecia sem serventia, pois eram testemunhas de tempos tacanhos, distante da inovação do tempo presente.

Paralelo a esta provável indiferença, percebe-se tentativas de romantização do passado educacional. Fala-se de um tempo em que, a despeito de não saber definir bem que tempo é este, por isso rotula-o de “antigamente”, o ensino “dava certo”, pois não havia “anarquia” e a harmonia reinava na escola. Neste ambiente idealizado, ensinava-se “de verdade”, os alunos aprendiam “de fato” e os professores beiravam a perfeição como se fossem uma extensão da família. Interessante observar como esses olhares idílicos ao passado se cristalizam, não só em pessoas mais velhas, como nas gerações jovens que se deixam tomar pelo discurso de que o passado era risonho e o presente é sisudo. Então, sentem nostalgia de algo que nunca viveram.

A despeito de indiferença ou romantização, o diálogo com o passado pode ajudar na ampliação de horizontes de análise das práticas educativas na atualidade, tomando a precaução de evitar determinismos como: “sempre foi assim e assim será”. Na organização de um trabalho científico na área de história da educação, não é possível abrir mão de confrontar evidências e informações, justapor documentos, relacionar os contextos, cruzar fontes, identificar dizeres, para poder desta forma analisar e perceber as mudanças e as permanências de produções e organização adotadas em um dado espaço e tempo.

Não se trata de permanecer refém do tempo histórico, mas sim de tentar apreender o que está posto a partir de um levantamento de conceitos e de princípios já elaborados no interior de uma dinâmica própria. Nos passos investigativos sobre o passado é de fundamental importância a compreensão de que as concepções de mundo, de sociedade, de sujeito e de educação não são homogêneas e tampouco ingênuas, elas são marcadas por constantes transformações.

Apesar de parecer redundância, nunca é demais lembrar que a história não é uma somatória de fatos, não se dá por uma sucessão linear de fatos, é um processo contínuo, marcado de rupturas e

descontinuidades. Os processos educativos são partes de uma construção social, de uma dinâmica social, trata-se de produtos históricos da humanidade, elementos provindos de instituições, marcados por valores e padrões impostos pelos sujeitos. Não é possível perdermos de vista os limites impostos para a escrita da história em todos os campos, pois o passado, nunca será plenamente conhecido e compreendido a não ser em seus fragmentos, incertezas e fragilidades.

Talvez isso justifique parte da dificuldade que encontramos na pesquisa para localizar de forma prática, reflexiva, crítica e convincente como um determinado conhecimento se estabeleceu como verdade. Desconstruir ou refutar as verdades cristalizadas, de fato, não é uma tarefa simples, é uma tarefa contínua que necessita investimento e insistência, pois escrever sobre a história exige escapar de verdades absolutas, assim como de lugares comuns que impedem extrapolar e confrontar o que se tornou inalterado.

### **Nas trilhas da pesquisa: as práticas educacionais em evidência**

Ao propormos dialogar sobre pesquisa na história da educação, vale ressaltar que esta é uma prosa longa e que, apesar de trazermos alguns pontos que consideramos relevantes neste texto, o caminho da conversa não se esgota aqui. Elaborar uma pesquisa exige incluir outras conversas, outros assuntos que se imbricam e não se desassocia, pois, a integração que começa ao se pensar um tema, um objeto, se desdobra junto com as exigências próprias desta tarefa. Assim, ao falarmos de pesquisa, trazemos junto com o objeto, o problema, limites, recortes, originalidade ou inovação, método, categoria, recorte teórico, fontes e outros elementos que nos fazem movimentar neste percurso do conhecimento científico.

É comum, nas andanças acadêmicas pelos caminhos da pesquisa, especialmente nos primeiros passos, deparar com questões que mais afligem o pesquisador do que alentam. Não é possível afirmar que as aflições são necessárias e fazem parte intrinsecamente deste percurso, talvez a angústia contínua seja um problema, mas talvez pode-se lançar mão de pensar que este caminho, que nem sempre é uma escolha, mas talvez uma necessidade, pode ser um momento de descobertas provocadas por um desejo de querer saber algo. Neste movimento, até o final da pesquisa, podemos provocar algumas interrogações que, se forem respondidas a contento, podemos encontrar a satisfação ou o prazer almejado.

Começamos pela escolha de um tema para a pesquisa, neste caso, do fenômeno histórico educacional que se pretende investigar. Buscar um tema, algo que para alguns parece tranquilo, para outros, pode ser conflituoso, ou seja, não é possível homogeneizar qualquer movimento, pois a

diferença é o que nos marca. A escolha de um tema para se investigar, tem relação direta com a nossa história, curiosidade, inquietação, experiência e outros. Pode surgir também com a compreensão da necessidade de continuidade de um tema ou mesmo pela averiguação de uma lacuna, contudo, a realidade próxima é sempre algo que serve como referência. Talvez por isso, soe estranho alguém pedir uma “sugestão” de tema para pesquisar, pois em geral há sempre uma boa dose de subjetividade nestas seleções.

Desta forma, delimitar o tema, investigar, trazer dados, cruzar fontes, descobrir, confrontar e concluir, é uma caminhada longa que, certamente, exige disciplina, algo que muitas vezes parece nos faltar. O caminho na arte da construção do saber, no contexto desta prática, pode não ser uma tarefa fácil, contudo, não precisa ser, necessariamente, uma estrada sinuosa, tortuosa, lamacenta, feita um labirinto sem saída. Talvez vale construir o lugar de caminhar elaborando um planejamento, um cronograma que nos oriente, de forma flexível, não acorrentado, nesta caminhada. Tencionar um plano estabelecendo trabalhos como leituras, coleta de dados, escrita e outros, sem desprender do desafio chamado prazo. Conviver e se orientar neste planejamento, pode ser uma dica para não entrar na paranoia que o tempo passa mais rápido somente para quem está pesquisando.

Neste aspecto, pode ser útil recorrer à experiência, que nos ensina sobre os limites em uma investigação. Partir da ideia de que toda pesquisa é inconclusa, talvez nos acalme e nos direcione para pensar em um recorte que permita concluí-la. Frente a isso, é preciso reconhecer que ao lançar um problema, exige-se uma resposta, possivelmente, uma resposta bem argumentada. Evidente que é mais desafiador, lançar várias perguntas, pois, espera-se que estas sejam respondidas, então, nos parece mais simples, escolher uma pergunta bem elaborada, com recorte exequível, para assim poder respondê-la com mais segurança.

Ainda sobre o tema e o desenvolvimento da pesquisa, é comum pensarmos em fazer algo original. Sobre isso, é válido lembrar que toda pesquisa é continuidade de algo que já foi elaborado, pode ser então que a inovação, ou a sonhada originalidade, esteja no olhar que se lança a um determinado tema ou fonte. Neste movimento, a criatividade é fundamental, pois auxilia a ver um mesmo objeto em uma perspectiva que foge do convencional, tornando-a atrativa e interessante. Mesmo sabendo que um objeto pode ser lido sob diferentes panoramas e que as fontes são inesgotáveis, ao persistir em um objeto que já foi amplamente discutido, corre-se o risco de tornar a dizer o que já foi dito. Assim, pode ser, que um outro caminho seja o de lançar olhares desafiantes que permitam análises possíveis de escapar do que já foi feito e tentar preencher algumas lacunas existentes.

As lacunas, podem ser vistas sob várias performances. Se há lacunas, lembrando que os fossos sempre existirão, pois não é possível pesquisar sobre tudo, o que podemos nos perguntar é se vale a pena investir em uma ausência com o objetivo de supri-la sendo que o tema parece pouco relevante. Um estudo sobre a educação de imigrantes chineses onde não teve imigração deste povo, nos parece ser um exemplo para pensarmos sobre o objetivo de uma investigação desta natureza. Talvez, neste caso, vale buscar estudos sobre o estado da arte que apontam as necessidades mais urgentes e que estão em sintonia com o objeto que se pensou anteriormente. Nada é hermético em uma pesquisa, contudo, pode ser útil se preservar de problemas que virão.

Neste sentido, o movimento inicial, que parece ser basilar para realizar uma pesquisa, é a revisão bibliográfica ou o estado da arte. Trata-se de uma busca, um levantamento, a confecção de uma espécie de mapa do que já foi produzido, mais recentemente (sem abrir mão dos clássicos), de obras, dissertações, teses, livros, artigos e outros materiais que se aproximam do objeto pretendido. A leitura atenta, organizada em anotações, além de contribuir para aprimorar o conhecimento necessário, indica pistas referentes aos estudos de autores, formatos, análises, tendências, concepções teóricas, identificação de lacunas, metodologias, resultados etc. Conhecer o que já foi produzido sobre o objeto da pesquisa, é primordial, para ver o que não foi visto, aproximando-se assim do não usual e também para não correr o risco de dizer, as vezes aparentando presunção, que nada foi feito sobre o tema e que sua pesquisa é inédita. Essa tarefa, a nosso ver, dá sentido às várias categorias que surgem para a compreensão do objeto da pesquisa.

A título de exemplo, podemos citar as pesquisas que tem como fonte de análise materiais, ou obras, produzidas para o mundo escolar. O número de livros, de um determinado período, se diferencia pelas modalidades de ensino, disciplinas específicas, livro do aluno e do professor, além dos dados de autores, editoras, circulação, longevidade, capas, prefácios, adoção oficial, edições, ilustrações, metodologia e um tanto de outros indícios que tornam este objeto passível de diferentes análises. Provavelmente, a depender da categoria eleita, é possível fazer algo original de uma mesma obra, ou coleção, lançando vistas no que ainda não foi explorado.

Por falar em categoria, outro aspecto que merece alusão é a coerência no recorte da categoria a ser analisada. Não dá para perder de vista que as palavras, as expressões e estilos, não são peças apartadas de seu contexto histórico, nestes, há presença de matizes, com significados independentes. A título de exemplificar de que estamos falando, na história da educação, tomando como menção o contexto, a categoria docente pode ter diferentes conotações, tanto no uso da palavra no sentido original – mestre, professor, lente, preceptor etc. – como em suas subcategorias, como gênero, classe social, etnia, papel e outros. Fatores como os papéis, atribuições, percepções, estereótipos,

identidades, normas sociais e outros, devem ser considerados e podem ser decisivos na análise da pesquisa. Dessa forma, é importante explorar algo que foi dito, muitas vezes sem a intenção de dizer, seja por meio de uma palavra, até mesmo de uma omissão e de outras particularidades que indicam entradas a diferentes mundos em um mesmo processo histórico.

O recorte teórico, sob a escolha segura do pesquisador, é um dado imprescindível para sustentar e orientar uma pesquisa. O rumo da pesquisa se dará por meio de um conhecimento acumulado e suas perspectivas teóricas, pois é o que diferencia a pesquisa científica do senso comum. Não se trata de cortar e colar passagens que confirmam o que já foi dito, mas sim de tentar responder o problema levantado na pesquisa por meio de autores e teorias que parecem ser adequadas. A escolha do campo teórico é o que vai orientar a análise e a interpretação dos dados recolhidos, portanto é preferível, sobretudo se está iniciando a caminhada na pesquisa, se apoiar em profissionais com experiência na concepção teórica eleita.

É considerável pensar na relevância científica e social da pesquisa, pois os dados obtidos em uma pesquisa na área de história da educação, além de escapar do senso comum, são essenciais para pensarmos a construção social da educação. Trata-se de compreender o passado não como lição, mas sim para alcançar as práticas, políticas, continuidades e rompimentos que fazem parte do espaço educativo, seja formal ou informal. Além do reconhecimento científico e social, é imprescindível apreciar a viabilidade de uma pesquisa com os pés no chão, observar atentamente as possibilidades de execução, como disponibilidade de fontes, bibliografias, prazos e outros que permitam a produção de um material que cumpra sua função científica e social. Em uma investigação, o historiador da educação, depende, não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos com que podem contar.

Na escrita do passado faz-se necessário certo afastamento, ou de forma mais simples, promover o que chamamos de ir e vir, para assim favorecer a compreensão e possibilitar os enfrentamentos das contradições sociais do presente. Assim, delimitar o período histórico, e compreendê-lo, situa o pesquisador em seu objeto baseando-o em fatos históricos, evitando as concepções presentistas que nada mais é que julgar o passado com concepções do presente. Precaver do anacronismo é um cuidado necessário, pois cada tempo histórico é marcado por características próprias, distintas do período que determina o tempo atual.

Isso, pode facilitar o entendimento de que não é viável cobrar uma prática do presente em um tempo qualquer do passado, em um tempo que as práticas educativas não se valiam dos mesmos argumentos construídos na atualidade. Algo que, normalmente, acontece por meio de comparações, seja de políticas educacionais ou de modelos de ensino em tempos passados. E, ao constatar a



inexistência do que pensamos ser o ideal, o campo educacional é reduzido ao caos e ao vazio. Não é raro encontramos análises feitas a partir deste parâmetro.

O mesmo serve para lidar com períodos históricos que parecem não dizer coisa alguma, isso pode ser exemplificado com a imposição de uma ordem cronológica bastante conhecida na história da educação brasileira. As escolas régias do período pombalino, no final do século XVIII, assim como o século XIX, são períodos vistos por algumas vertentes da historiografia como um hiato, tempos vazios, localizados em uma espécie de limbo entre as propostas da Companhia de Jesus, sua expulsão e os movimentos educacionais republicanos. Privilegia-se, desta maneira, os períodos como se alguns fossem mais relevantes que outros. Algo perigoso para a escrita da história.

Na relação complexa entre pesquisador e fontes, o que não podemos esquecer é do que vem em primeiro lugar: o problema ou hipótese, algo provisório, pois trata-se da busca de resposta do que se desconhece, uma questão que não foi resolvida e necessita de comprovação. A problematização, vem para dar crédito ao alargamento do uso das fontes, fato de que contribuiu enormemente com uma renovação teórico-metodológica. Elaborar um problema pode dispensar qualquer resposta previamente já respondida, como por exemplo “o fracasso da educação nos tempos...” ou do tipo “quero comprovar que...”, situação bastante comum em quem está iniciando uma pesquisa. Trata-se de uma pergunta que deve ser respondida, pois as vezes, se dilui no decorrer da pesquisa em função de outras perguntas e respostas que surgem.

Para evidenciar melhor a resposta à disposição do método e procedimento científico é condição fundamental para realizar pesquisa em qualquer área. Trata-se da forma como se vai fazer a pesquisa, são os instrumentos referentes a escolha das fontes, coleta de dados, confrontos, organização da escrita e outros. A adequação ao método científico viabiliza a pesquisa, é o caminho para chegar a um fim, um prosseguimento de passos, que, amparado pelo recorte teórico permite observar os fenômenos históricos, adequando-o ao problema/hipótese levantado.

Busca, assim, explicar causas, conexões, aspectos não-revelados e outros em uma perspectiva constante de observação sucessiva, cuidadosa, metódica, paciente, investigativa, criativa etc. Um adequado procedimento metodológico pode facilitar a identificação dos movimentos educacionais, como o número de escolas, processo ensino/aprendizagem, criação de métodos, produção e circulação de livros, recursos, legislação, projetos, configuração das modalidades de ensino, especificidades da docência, etc.

### **As fontes, o pesquisador e as pistas do passado educacional**

No que se refere as fontes históricas, é sabido que a variedade do uso de fontes para a escrita da história da educação, tem possibilitado a produção de pesquisas diversas, sobretudo nas últimas três décadas. Trata-se de documentos, que possibilitam obter dados referentes ao passado histórico educativo, mesmo os que não são de origem ou condição de documento histórico pedagógico. Apesar dos avanços e facilidades de manuseio das fontes documentais, como arquivos digitalizados on line, DVDs e outros formatos, para se chegar na escrita do conhecimento histórico, faz-se necessário se revestir de cuidados, ou seja, não perder de vista que as fontes são produções humanas e o tratamento das mesmas devem se pautar sob referenciais como planejamento, problematização, procedimento metodológico, recorte teórico, domínio de conceitos e categorias históricas.

Adentrar aos arquivos históricos, especialmente no início da pesquisa, requer preparo específico. O contato com os documentos, desde sua preservação, seleção, apropriação, materialidade, leitura e os procedimentos de manipulação, demanda tempo, dedicação e paciência. A leitura das fontes é uma conversação exaustiva, persistente para, além da obtenção dos dados, revelar a existência do que está oculto, do que está silencioso, assim como as possíveis contradições e incoerências. A interpretação de documentos exige ainda um exercício prévio de contextualização histórica, pois estes não são transparentes, são portadores de discursos que devem ser evidenciados e desvelados sob a luz do método científico.

Vale reforçar que os acontecimentos e as informações registradas nas fontes que nos servem para a escrita da história da educação, não falam por si, daí a necessidade de, neste ofício investigativo, interpretar, discutir, analisar, permitir a escuta, lançar perguntas e observar as lacunas e os silêncios. Um documento não se fecha em si mesmo, não dá conta do processo histórico, daí o cuidado de buscar determinados tipos de documentos para entender um dado período histórico. Evitar julgar e não permanecer submisso, obediente e atuável diante deste material é condição para realizar uma pesquisa histórica.

Não existe neutralidade em uma fonte, daí a relevância do olhar atento e crítico que busca e se ampara na contextualização, investigando os significados nas informações e nas percepções. Lançar vistas para a natureza do documento, saber a origem, de onde fala e por quem foi produzido, desconfiar das intenções, da credibilidade da fonte e da autoria, são cuidados que podem ser tomados para não comprometer a análise dos mesmos. É o que chamamos de tratamento da fonte, um recuo no tempo com olhares investigativos que facilita viabilizar a relação entre as partes e o todo na pesquisa histórica.

Interrogar e analisar os aspectos que envolvem a produção do documento, sejam econômico, social, político, cultural, pode permitir a socialização do conhecimento de história em distintas modalidades de ensino. No percurso do trabalho investigativo com as fontes, há possibilidades reais de se deparar com problemas. Além dos arquivos, públicos ou privados, que dificultam a atuação do pesquisador, seja pela não disposição de acondicionamento adequado, horários inflexíveis ou acompanhamento profissional, ainda há distintas chances de encontrar manifestações que comprometem uma análise mais segura. Exemplos de documentos alterados, sem continuidade, com imprecisões, faltando partes e outros, existentes, dificultam tanto o acesso como uma análise contextual propícia.

No complexo movimento que orienta as pesquisas em história da educação, é possível perceber que a discussão não se acaba por aqui. Talvez para alcançarmos lugares mais amplos, que permitam fazer chegar os nossos estudos sobre os cenários históricos educativos em diferentes contextos, escolares ou não escolares, vale não nos darmos por satisfeitos com o que temos e buscarmos alargar as pesquisas. Os documentos estão nos esperando, alguns foram pouco explorados, outros ainda não foram e estão em algum lugar para serem manipulados para nos contar mais a respeito dos movimentos educacionais que permanecem ocultos.

Ao meio da indiferença e da romantização, as pesquisas de história da educação conquistam seus espaços, mantendo aceso o debate, revendo fontes, fazendo releituras, confrontando práticas e tempos, promovendo e ampliando o conhecimento por meio de inúmeros meios que possam atingir o público das escolas, academias e outros. Ainda falta muito para nos impor com mais eficácia no meio acadêmico, não só na graduação como também nos programas de pós-graduação, contudo, o caminho percorrido já nos dá elementos para perceber os avanços. Isso já constitui um campo, que, sem sombra de dúvida, não tem mais volta. Por hora, esta é nossa pequena contribuição para a continuidade do debate.

## Referências

BURKE, P. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, M. de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, C.J.; MELO, J.J.P.; FABIANO, L.H. (ORGS). *Fontes e métodos em História da Educação*. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010.

GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G. (orgs.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

GOMES, Â. de C. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

HOBSBAWM, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, J. *Memória & História*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Org). *Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas: Autores Associados, 2004.

LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCHESE, T. Â. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. *Revista História da Educação* [Online]. Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 145-161, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3216/321630678010.pdf>>. Acessado em: 20/06/2014.

MONARCHA, C. (org.). *História da educação brasileira: formação do campo*. Ijuí: Editora da Unijuí, 1999.

MORAIS, C. C.; PORTES, É. A.; ARRUDA, M. A. (Org.). *História da Educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NETO, V. G. Investigação e ensino na história da educação: retomando um debate nunca encerrado. In: BRITO, S. H. A. de (et al.). *A organização do trabalho didático na história da educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010, p. 87-118.

NUNES & CARVALHO (1993). “*Historiografia da Educação. Fontes*”. *Cadernos ANPED*, Porto Alegre, ANPED, n. 75, pp. 7-64, set.

PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

RAGAZZINI, D.. “Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?”. In: *Educar em revista*. n. 18/2001. Curitiba: Editora UFPR, 2001 p. 13-28.

RODRÍGUEZ, M. V. A pesquisa documental e o estudo histórico de políticas educacionais. In: *O Guardador de Inutensílios*. Cadernos de Cultura. n. 7, p. 17, 30, maio 2004.

SAMARA, E. de M. e TUPY, I. S S. T. *História & Documento e metodologia de pesquisa* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAVIANI, D. *Pesquisa em História da Educação: Perspectivas de análise, objetos e fontes*. Belo Horizonte: HG Edições, 1999.

SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, L. M.. *As lentes da história: estudos da história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIERA, M. do P. de A.; PEIXOTO, M. do R. da C. e KHOURY, Y. M. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1995.